



OS MIL OLHOS DO DR. PIZZINI

por Marcelo Ikeda

Não seria nenhum exagero afirmar que os mais relevantes filmes do cinema brasileiro contemporâneo possuem pelo menos um de seus pés no documentário. Entre eles, alguns abordam a cultura indígena. De cara, nos lembramos de *Serras da desordem*, o magnífico filme de Andrea Tonacci. Mas também merece destaque o trabalho de Vincent Carelli na coordenação do Vídeo nas Aldeias, um projeto de fortalecimento das identidades indígenas a partir da realização de oficinas audiovisuais, com uma produção compartilhada entre os instrutores e os próprios povos indígenas. Embora tenha sua origem em 1987, foi neste século que o projeto recebeu maior notoriedade, com a exibição em festivais de dois longas-metragens: *Pirinop, meu primeiro contato* e especialmente *Corumbiara*, sobre o massacre de índios na região de Corumbiara, pelo qual Carelli recebeu os kikitos de melhor filme e direção no Festival de Gramado de 2009.

Além desses, outro filme se destaca por sua inventividade estética e pela poesia de seu olhar para a questão da identidade indígena: *500 almas*, primeiro longa-metragem de Joel Pizzini. Antes, é preciso falar um pouco da trajetória desse diretor cuja filmografia possui diversas facetas ainda pouco compreendidas. Seus primeiros trabalhos foram dois fascinantes curtas que comprovam o esmero e a sofisticação do diretor: *Caramujo-flor* (1988) e *Enigma de um dia* (1996). Os dois curtas transitam de forma muito singular entre o documentário, a ficção e o experimental, ao se inspirarem, respectivamente, na obra de Manoel de Barros e Giorgio de Chirico. No entanto, ao invés de se limitar a fornecer informações sobre a vida e obra desses artistas, Pizzini prefere um mergulho visceral no universo que ressoa a partir de suas obras. Ou seja, as obras desses artistas funcionam como um ponto de partida para que Pizzini possa desenvolver seu próprio olhar: um filme que não ilustra uma arte mas que se motiva a partir dela a fazer-se de outro modo, renovado. Como o próprio Manoel de Barros comentou sobre *Caramujo-flor*: “Estou certo de que Joel quis falar de minha poesia antes de mim. O filme quis expressar por imagens uma escrita poética. Joel quis dar uma ideia de minha linguagem, e não de minha vida.” Já *Enigma de um dia*, exibido no Festival de Veneza, revela a experiência de um vigia de um museu que se transporta para o universo artístico através das sensações despertadas pelo quadro de De Chirico. A partir das relações sugeridas entre o quadro na parede do museu e o próprio quadro cinematográfico, Pizzini realiza um filme essencialmente metalinguístico, conjugando três tipos de olhares: o olhar do personagem (o vigia), o do espectador, e o seu próprio olhar enquanto realizador.

Enquanto buscava viabilizar a realização de *500 almas*, num processo que durou mais de cinco anos, Pizzini dirigiu diversas cinebiografias para o Canal Brasil, como as sobre Leonardo Villar, Jece Valadão, Paulo José e Rogério Sganzerla, entre outros. Entre o conjunto das obras exibidas no canal, as realizadas por Pizzini se destacavam tanto por seu bom gosto no uso da linguagem cinematográfica quanto pela intimidade que criavam com seus homenageados, buscando uma alternativa ao simplório modelo dos *talking heads*. Joel Pizzini também é assíduo colaborador do Tempo Glauber, presidido por Paloma Rocha, que tem exercido importante papel na divulgação e na preservação dos filmes e escritos de Glauber Rocha.



Junto a Paloma, Pizzini realizou *Anabazys*, seu segundo longa-metragem, um olhar sobre a extravagante personalidade de Glauber a partir de uma revisão dos copiões de *A idade da terra*, o polêmico último longa-metragem do diretor baiano.

A princípio, *500 almas* apresenta-se como um filme sobre os índios Guatós, cujas raízes se estabelecem na região do Pantanal matogrossense, e que são considerados hoje praticamente extintos, já que sua população totaliza aproximadamente o número que intitula o filme. No entanto, Pizzini transborda seu tema inicial: para além de meramente fornecer informações sobre a história, os hábitos e costumes da etnia, *500 almas* promove um mergulho possível num modo de ser guató, colocando em questão em que medida (ainda) é possível ser guató nos tempos de hoje.

Para tanto, Pizzini utiliza um amplo leque de distintas estratégias de encenação: planos de decupagem rigorosa, com belíssima fotografia de Mário Carneiro, entrevistas com os guatós e personagens auxiliares, imagens de arquivo, sequências ficcionais, narração, música. A singular combinação desses elementos se exemplifica no uso da voz: Paulo José recita seu texto de forma nada convencional, com um certo tom jocoso, como se criasse um distanciamento em relação ao enunciado, em geral informativo, essencialmente histórico. Visualmente, *500 almas* prossegue as estratégias de *mise-en-scène* dos primeiros curtas de Pizzini, seja através de uma não-linearidade que levemente dialoga com o surrealismo (o humor) seja através de uma dissociação entre imagem e som. Pelas inesperadas associações que surgem por meio de uma montagem radical, mas extremamente articulada, esses filmes de Pizzini dialogam com alguns curtas de Arthur Omar dos anos 1980, em especial *O som, ou tratado de harmonia*.

Essa variedade no uso dos elementos de linguagem, mais do que meramente apontar para o virtuosismo de sua construção, contribui no sentido de fazer do filme um mosaico da cultura guató. Assim, o filme transita entre uma miríade de elementos, que se articulam segundo uma lógica livre, mas particular, em torno dos vários aspectos que interessam a Pizzini destacar. Primeiro, um aspecto formal, registrando o reconhecimento dos guatós pelos brancos, seja através de pesquisas históricas ou mesmo de evidências arqueológicas. Segundo, o espaço geográfico em que habitam, em que a região do Pantanal é valorizada pela comunhão da tribo com a natureza, e pela terna forma com que o filme abraça o mar, a terra e a floresta. Ainda, os esforços atuais para a reafirmação da etnia, como os da Irmã Ada, que realiza um mapeamento das famílias guatós que ainda residem na região. Outro aspecto é o da cultura guató. De um lado, por sua língua, com a valorização das sonoridades e de seu aspecto tonal, destacado pelo poeta Manoel de Barros, que cita, entre outras coisas, sua característica aglutinante e sua cor particular. De outro, por seus costumes típicos, como a produção de artefatos, como violas e canoas. Por fim, um aspecto político, abordando a questão da demarcação das terras indígenas e a denúncia de seu extermínio, como o cruel assassinato de um de seus líderes.



Através desse mosaico, entrecruzado por uma montagem elíptica, o contato com a cultura guató é sempre incompleto, como se buscássemos indícios de sua existência a partir das marcas incrustadas no presente. Desse modo, *500 almas* resgata uma memória parcial de uma cultura em vias de desaparecimento, mas cujos rastros permanecem ainda hoje visíveis no invisível, pelo que esconde mais do que pelo que se mostra. A influência dos guatós deve ser vista para além da imagem: *500 almas* não busca dar informações sobre os guatós, mas essencialmente fazer o espectador mergulhar na alma de uma cultura que não se revela de imediato, mas sorrateiramente, como a alma da floresta. “Ser guató”, mais que “nascer guató”, revela-se um modo de viver, de estar no mundo. Com isso, Pizzini busca os traços da identidade de um Brasil recôndito, interiorano não somente num sentido geográfico, mas essencialmente de suas próprias origens.

Mas diante de um mundo em que a cultura indígena inevitavelmente se mistura à branca, em que raramente se manifesta de forma original, não contactada, o que é de fato “ser guató”? Como é possível ainda hoje resgatar o espírito de sua essência? De fato, Pizzini mostra que existem apenas rastros desse “ser guató”, e seu trabalho é quase como o de um arqueólogo, perscrutando no espaço e no tempo as marcas de um passado que se esvai. Seu método é tanto científico quanto íntimo: de um lado, Pizzini vasculha os museus, descobrindo um grande acervo no Museu Etnográfico de Berlim, que reúne objetos recolhidos nas expedições do alemão Max Schimdt, autor do principal livro sobre os guatós. Ou seja, a principal referência sobre essa tribo indígena brasileira está lamentavelmente fora do país. De outro, Pizzini busca as memórias dos mais antigos membros da tribo, que já se esqueceram dos principais vocábulos e mal conseguem contar até vinte. Observa respeitosamente seu modo de viver, compartilha suas angústias e seus casos particulares.

Os variados recursos de linguagem de *500 almas* comprovam sua vitalidade estilística, cuja vocação por um cinema de climas poéticos que rompem com as estratégias tradicionais do documentário dialoga com os primeiros curtas em película de Pizzini. Quase em seu final, *500 almas* faz uma breve alusão a *A morte de Sigfried*, de Fritz Lang, num momento singular que exemplifica os recursos da inventiva montagem do filme. É como se as quinhentas almas dos guatós fossem vistas pelos mil olhos de Pizzini, neste belo gesto de transposição de olhares, entre os guatós e os brancos, entre a vida e a arte, entre o cinema contemporâneo e o de Lang. *500 almas* é um exemplo de que ainda persistem caminhos estéticos a serem tensionados pelo documentário, gênero cuja presença é decisiva no cinema contemporâneo. E que isso é possível mesmo que não se utilize um “dispositivo”, estratégia-fetichismo dos documentários brasileiros do momento.

Marcelo Ikeda é professor do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mantém o blog www.cinecasulofilia.blogspot.com de críticas de cinema. Curador da Mostra do Filme Livre. Realizador de diversos curtas-metragens, entre eles *O posto*, *É hoje* e *Carta de um jovem suicida*.

